

Resenha: “A maior zoeira” na escola – Experiências juvenis na periferia de São Paulo

Cristiane Gonçalves da Silva



Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da
Universidade de São Paulo

Edição electrónica

URL: <http://pontourbe.revues.org/3413>

DOI: 10.4000/pontourbe.3413

ISSN: 1981-3341

Refêrencia eletrónica

Cristiane Gonçalves da Silva, « Resenha: “A maior zoeira” na escola – Experiências juvenis na periferia de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 20 | 2017, posto online no dia 30 Junho 2017, consultado o 04 Julho 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/3413> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3413

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Julho 2017.

Resenha: “A maior zoeira” na escola – Experiências juvenis na periferia de São Paulo

Cristiane Gonçalves da Silva

REFERÊNCIA

PEREIRA, Alexandre Barbosa. “A maior zoeira” na escola – Experiências juvenis na periferia de São Paulo. São Paulo: Editora UNIFESP, 2016, 235pp.

- 1 O livro é resultado de tese de doutorado em Antropologia Social de Alexandre Barbosa Pereira, concluída em 2010 na Universidade de São Paulo, que, nos termos do próprio autor, *se configura na interface entre antropologia, estudos culturais e educação*. A condição juvenil, interesse central da obra, é apreendida em múltiplas experiências, caracterizando a etnografia como *multissituada*, interessada em temas e não em objetos delimitados. Juventude e cidade são categorias orientadoras da etnografia realizada em cinco escolas; quatro públicas, em bairros da zona Sul e Norte de São Paulo e uma escola privada em bairro de classe média no centro-leste, onde o autor assumiu a condição de professor durante a realização da pesquisa. Nesse processo, identificou elementos comparativos e singulares em cada escola, além da observação realizada em outros espaços: *lan houses*, bailes *funk*, eventos culturais e de lazer, salas de discussão na internet. A leitura nos convida a dar atenção às inquietações do autor geradas nos encontros com jovens nos bairros periféricos e ao amplo debate teórico que estabelece com pesquisadores interessados, como ele, na condição juvenil e na escola, privilegiando o debate sobre as relações lúdicas e jocosas. Pereira reafirma, do começo ao fim do trabalho, interesse pelas experiências juvenis periféricas que pautam as experiências escolares e são por elas pautadas e pelos nexos existentes entre a noção de juventude, categoria relacional e contextualizada, e a cidade. A escrita é organizada em três capítulos que descrevem, na

ordem, as experiências juvenis na periferia, na escola e na zoeira de modo intercambiado. A experiência etnográfica é descrita como tensa e conflituosa e orientada pela definição de escola como uma das agências responsáveis pela definição de juventude, como detentora de estruturas globais configuradas por dispositivo disciplinar, no sentido foucaultiano, e de uma realidade específica. Destacam-se as **tecnologias** que alteram as relações sociais na contemporaneidade e a **zoeira** como categoria central na compreensão das práticas lúdicas e jocosas que podem, não raramente, utilizar agentes tecnológicos. É desestabilizadora da rotina e regras escolares, é agonística. Carrega também doses de machismo, racismo e outros preconceitos, além de flertar com a criminalidade. Pela experiência juvenil, o autor apreende a forma como se constitui a experiência escolar na desestabilização da disciplina, tomada na dissonância em relação aos discursos e práticas de controle da escola. As **zoeiras** questionam a eficácia disciplinar e, ao mesmo tempo, reafirmam preconceitos. Ao final da introdução, inspirado pelas reflexões dos estudos culturais, destaca a forma como a periferia se define pela condição subalterna do jovem periférico sem desembocar numa condição de passividade.

- 2 As experiências juvenis periféricas, multifacetadas e contextuais, são discutidas a partir dos múltiplos usos da categoria periferia pelos moradores e por pesquisadores do tema. O capítulo um é organizado em torno de binarismos que emergem do campo, pensados como conceitos relacionais: *funk/rap*; centro/periferia; masculinidade/feminilidade, de modo a romper com visões reducionistas, ao empreender análise relacional das distintas dimensões constitutivas da condição juvenil, para além das dicotomias já exaustivamente discutidas pelas ciências sociais. Ao privilegiar o modo como os jovens atribuem sentidos múltiplos e paradoxais às dicotomias, o autor escapa de definições rígidas. Problematiza a dicotomia centro/periferia e sua disputa de sentidos, a partir dos bairros Cidade Ademar e Jardim Elisa Maria, descritos no livro também pelos indicadores de vulnerabilidade social, como parte de distritos específicos. A estratégia argumentativa lança mão da ideia de *quebrada*, tomada como ilustrativa da multiplicidade de sentidos que, tal como periferia, pode adquirir. Pensar em *quebrada* é pensar, ao mesmo tempo, tanto em relações comunitárias como em criminalidade. Ruas, escolas, *lan houses* e comunidades do Orkut deram visibilidade às **tecnologias** e ao **funk** (nos carros, nos celulares na sala de aula) como relevantes para a experiência juvenil. Nos bailes funks de rua que acompanhou, as dinâmicas de sociabilidade juvenil revelaram performatividades de gênero, nos convocando a pensar na subalternidade e centralidade dos corpos atravessados pelo gênero e pela raça, relevantes para compreender a atual geração de jovens. *Funk*, motos, carros, celulares e outras tecnologias são elementos importantes das relações, denominadas pelo autor de **lúdico-agonísticas** nas dinâmicas juvenis, interferindo nas dinâmicas escolares e vice-versa. Repertórios de violência e criminalidade são acionados nas práticas juvenis estabelecidas na escola e apresentam conteúdos ambivalentes. As discussões sobre as questões de gênero são reconhecidas como relevantes pelo autor, mas o livro não tem fôlego para maiores desdobramentos teóricos em torno das masculinidades que se destacam no campo e de seu aspecto relacional com feminilidades, entre outras questões de gênero que aparecem do começo ao fim do texto. Utiliza o recurso comparativo na discussão e, como exemplo, destaco a narrativa em torno do *funk* e *hip-hop*, movimentos que estabelecem um ponto de vista sobre a periferia a partir dela mesma. O livro debate sobre a possibilidade de um novo tipo de centralidade para a *performatividade* feminina oferecida pelo *funk*, a partir de relação mais explícita com a sexualidade. Conta que para o *hip-hop* a centralidade se dá

politicamente, pela inserção de pautas políticas e na crítica social. No *funk*, a centralidade se dá no consumo de bens, como no estilo *funk* ostentação (do consumo), e/ou exaltando a criminalidade, inclusive como via de acesso ao consumo. Periferia e centro são categorias relacionais, abordadas deste modo pois, se tomadas isoladamente, esvaziam-se de sentido, argumenta o autor inspirado pelas discussões de Stuart Hall.

- 3 A escola é reinventada pelos jovens no jogo cotidiano das sociabilidades juvenis e, ao mesmo tempo, contribui para a noção de juventude. As experiências escolares, tratadas no capítulo dois, são potencializadas no cuidadoso diálogo com autores da sociologia e antropologia da educação. Escola é tomada de forma ampla, como invenção cultural que se caracteriza pela organização e utilização padronizada do tempo; como aparelho tecnológico compondo dispositivo educacional. O autor esteve nas escolas durante período suficiente para identificar muitas dificuldades do cotidiano, além dos desafios próprios da posição liminar do antropólogo. Em campo, despertou desconfiança nos alunos e professores e teve um percurso etnográfico autoqualificado como extenuante e angustiante. Viveu a rigidez da escola no cumprimento das regras, o que reforçou sua função de disciplinamento, apesar do processo de desinstitucionalização em curso anunciado por vários autores. Na sala de aula pôde observar as dinâmicas das interações juvenis de forma mais intensa, mas também participou de rodas, jogos e conversas no pátio, considerado pelos estudantes como o espaço mais importante da escola. Observou a circulação nos diferentes ambientes e o modo como muros e trancas tentavam impedir a comunicação entre áreas internas da escola e o mundo externo. Aproximou-se do descontentamento em relação à condição docente e do esforço dos professores (incluindo ele próprio) em recuperar algum lugar de autoridade, enquanto via como estudantes, num movimento resistente, assumiam postura desafiadora da autoridade docente, além de protagonizarem gozações. O interesse do pesquisador pelo modo como jovens se apropriavam da escola era justamente o que o corpo docente achava que devia ser eliminado. Observou tensão constante na relação entre professores e estudantes. Muitas vezes, professores referiam-se aos estudantes como marginais e/ou vítimas de desestruturas familiares, perspectivas que os subalternizam e tidas como determinante para abandono da escola. Temporalidade apareceu como importante marcador da experiência escolar, ao apresentar-se de forma múltipla. Estudantes experimentam o tempo de maneira cíclica, pelos elementos que organizam o cotidiano escolar, e de forma linear na seriação dos anos letivos. Temporalidades institucionais eram contrapostas pelas temporalidades das brincadeiras juvenis, baseadas na vivência entre pares, permitindo libertação da rotina e do tempo da escola. Uma potência do trabalho é atribuir relevância para situações que colocaram em xeque o caráter disciplinador e de autoridade (do professor). **Zoar** é zombar da ordem escolar, mas geralmente é bem mais que isso, quando revelam as insistentes tentativas de retomar o controle sobre os alunos que, quase sempre, fracassam. O livro mostra reinvenção do espaço e da instituição escolar a partir de condições impostas pelos estudantes, por suas temporalidades e ludicidades, ainda que perpetuando desigualdades sociais nas formas de se expressar, revelando um movimento reverso na reprodução social efetivada pela escola. Mostra descompasso entre repertórios juvenis e escolar e rechaço dos símbolos juvenis pelos profissionais da educação. Debate como a insistência institucional disciplinadora choca-se com os modos de expressão juvenil, nas disjunções e conjunções construídas socialmente e que articulam a experiência juvenil a outras experiências nas relações do cotidiano escolar. Na condição de etnógrafo-docente, o autor pode discutir **autoridade**, categoria central no trabalho, valendo-se da compreensão sobre o

atravessamento geracional sentido na própria pele e que deu acesso a uma outra dimensão distante de sua experiência como pesquisador a quem foi permitido, como observador, aproximar-se dos estudantes. Na condição de pesquisador-docente, apreende o caráter relacional das experiências de estudante e experiência de professor, em confronto. Diante de sua turma se deu conta do quanto seus alunos não estavam preocupados com o que ele tinha a dizer e do quanto tentavam burlar as regras, tornando mais nítida a disputa entre ludicidade e a seriedade encarnada na temporalidade oficial da escola e nas tentativas de aplicação das normas encarnadas pelos professores.

- 4 A sociabilidade performática estudantil, que provoca desestabilização das normas, disjunção e conjunção, é central no capítulo três. Estão presentes nas relações de amizade ou agressividade, incluindo nas zoeiras com o pesquisador, apelidado de “*Bin Laden*”, e marcaram a própria etnografia pela experiência e peculiaridade das *zoeiras* entre homens, dos meninos com o pesquisador. Na leitura, lida-se com uma certa expectativa (frustrada) por um debate ampliado sobre masculinidades nessa relação, o que não atrapalha o curso potente da obra em mostrar os caminhos etnográficos encontrados nas brincadeiras que traduziram uma dimensão importante da condição escolar e juvenil. O ato de *zoar* é ambíguo e mobiliza, na articulação de elementos jocosos e agonísticos, dinâmicas relacionais integrativas e disruptivas. O riso que a *zoeira* provoca pode ser amistoso e cruel, desestabiliza a dinâmica escolar que se pretende regrada e controlada e é visto como desrespeito. A *zoeira* é elemento relevante na escola, encarna o lúdico nas sociabilidades juvenis, apresentando aspectos de socialidade e conflito. O autor aponta para profundas alterações nos modos de ser jovem na atualidade a partir das relações estabelecidas com as novas tecnologias de comunicação e com a presença delas nas sociabilidades da escola, particularmente celulares e aparelhos sonoros que ajudam no rompimento com regras escolares ao mesmo tempo que articulam espaço de convivência juvenil e lazer, permitindo fuga subjetiva de lá, apesar das trancas. Aproximar-se das meninas no campo foi condicionado às limitações de gênero, deixando o pesquisador mais próximo dos rapazes para realizar a etnografia que, nessas condições, revelou predomínio masculino nas dinâmicas das *zoeiras* e uma participação feminina menos performática e agonística, demarcando fronteiras de gênero. As performances centrais são masculinas, mesmo quando reforçavam uma condição de subalternidade, como era o caso das brincadeiras homofóbicas. Discute acerca da jocosidade heteronormativa das brincadeiras que subalternizavam sexualidades não heterossexuais, inclusive em expressões utilizadas pelo professor ao se permitir *zoar* com estudante, zombando de sua (possível) homossexualidade. *Zoeiras* mais agressivas ou até violentas materializavam um modo de masculinidade hegemônica que se define relacionalmente. No jogo de forças, a escola parece permissiva com as performances lúdicas protagonizadas pelos meninos. O livro assume uma genereficação da *zoeira*, dando pistas interessantes, apesar de usar algumas vezes, a palavra sexo como sinônimo de gênero. Indica necessidade de trabalhos etnográficos sobre as especificidades da participação das meninas nas *zoeiras* inclusive para entender melhor expressões de feminilidade em corpos lidos como pertencentes a homens e vice-versa. Narra situações onde meninas empreenderam atitudes que desestabilizaram a ordem e autoridade de forma, inclusive, beligerante. Tipo de ocorrência que, justamente por escapar dos referenciais de feminilidade esperados, ganhavam visibilidade institucional e eram enquadradas por julgamentos morais. A centralidade do corpo na escola é discutida a partir das sociabilidades performáticas juvenis das *zoeiras* que continham, elas próprias, pretensos elementos para controlar os

corpos. Ressalta maior participação das mídias do que de instituições tradicionais na constituição das subjetividades juvenis contemporâneas. Destaca o modo dialético de operar das regras e reiterações normativas e das reações contra-hegemônicas dos estudantes. O componente racial das relações de ludicidade se entrelaçavam a outros marcadores como gênero e classe social o que, para o autor, revelou no cotidiano escolar das **zoeiras** a complexidade específica das questões raciais no Brasil. Em análise atenta, alerta para o risco reducionista de tomar as **zoeiras** somente como reações contra-hegemônicas à imposição de controle e disciplinamento quando, de fato, também concentram doses elevadas de elementos que reforçam a subalternização e a discriminação. Mesmo tendo em conta o caráter ofensivo da **zoeira**, toma-a como importante empreendimento estudantil, que expõe a engrenagem disciplinar rigorosa operada pela escola assim como os sinais de sua saturação. Na discussão sobre a centralidade dos corpos, aponta a oscilação entre padrões hegemônicos de corporeidade ditados por outras agências, o que inclui comportamentos de resistência ou pela afirmação da violência e criminalidade. Na discussão, reitera Judith Butler e suas considerações acerca do modo como os corpos se constituem em atos contínuos de reiteração de performatividades masculinas e femininas, produzindo uma superfície política de relevância observada pelo autor nas performances lúdico-agonísticas empreendidas nos corpos dos estudantes.

- 5 A finalização do livro é tecida em reafirmações acerca do interesse do autor em compreender e descrever respostas criativas dos agentes jovens nos espaços escolares e em outros pedaços relevantes para constituição da condição juvenil. Reitera a relevância das novas configurações de subjetividades juvenis e tecnologias de entretenimento que subvertem a organização do cotidiano escolar. Rediscute o modo como **alteridade** e **autoridade** (ou suas ausências) marcam as experiências cotidianas dos estudantes e professores, e a própria experiência etnográfica, e constituem-se como chaves de compreensão da condição juvenil na escola. O livro é potente na discussão metodológica-conceitual sobre a **zoeira** como categoria capaz de escancarar questões nevrálgicas do cotidiano escolar, como o encontro intergeracional e os conflitos por ele gerados. Aponta lacunas, em termos de pesquisas e da própria prática educacional, além de indicar a necessidade de considerar a experiência educativa como constitutiva da crise da sociedade disciplinar. Mostrou como atitudes de acirramento da rigidez e do confinamento escolar têm se mostrado inócuas. Por fim, destaca a importância de ampliação do repertório escolar para que jovens tenham melhores condições de aprender a lidar com as diferenças. Com este vigoroso debate, o livro é recomendado para pesquisadores e interessados pela escola em geral, por apresentar novas perspectivas acerca das negociações e agenciamentos dos atores na escola e porque ajuda a problematização dos currículos, das relações escolares e da formação de educadores.

AUTOR

CRISTIANE GONÇALVES DA SILVA

email: cristiane.goncalves.silva@gmail.com

Pós-doutoranda do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Doutorado da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires

Docente da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)/ Instituto de Saúde e Sociedade -
Campus Baixada Santista